

Professor Doutor  
*Isaac Antonio Camargo*

# HISTÓRIA DA ARTE I

## *Parte 2*

Curso de Artes Visuais  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Se o Dadaísmo corroborou a instauração da pesquisa em arte, pois, todas as estratégias e estratégias usadas pelos dadaístas se tornaram procedimentos reconhecidos e explorados por uma grande parte dos artistas subsequentes, inclusive movimentos e mesmo a chamada Pós-modernidade, beberam na fonte Dada.

Nesta linha de raciocínio devemos levar em conta que todas as transformações que ocorreram na Arte Visual ao longo do tempo, contribuíram para torná-la o que é hoje, portanto, devemos estudá-la a partir das suas manifestações, tentando compreendê-las isentos de preconceitos sem deixar que os modos de pensar e fazer Arte de outros tempos contaminem esta compreensão.

As transformações sociais, principalmente a influência da Indústria, leva ao surgimento de um movimento, na década de 60 do século passado, que já propunha uma ruptura conceitual com o Modernismo, dando margem ao Pós-modernismo, dialogando com a Indústria Cultural, fenômeno capitalista.

A Pop Art toma elementos, comportamentos e coisas do contexto comercial/industrial daquele momento e atribui-lhes status de obra de arte.

A Pop Art foi justamente isso torna uma abordagem irônica da sociedade de consumo e, o mais irônico, é que foi adotada sem restrição por esta mesma sociedade.



Andy Warhol



Andy Warhol



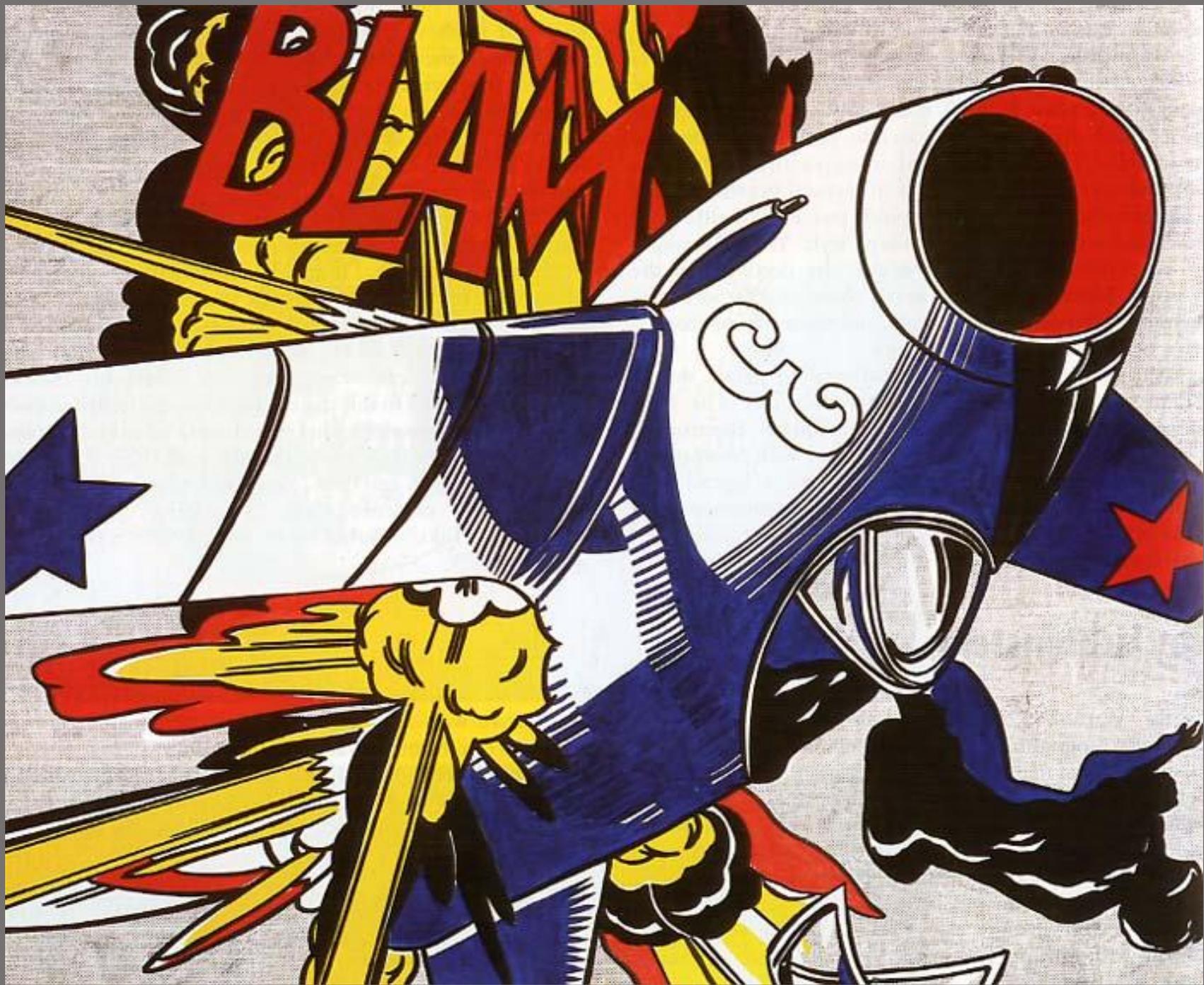
Andy Warhol



Andy Warhol



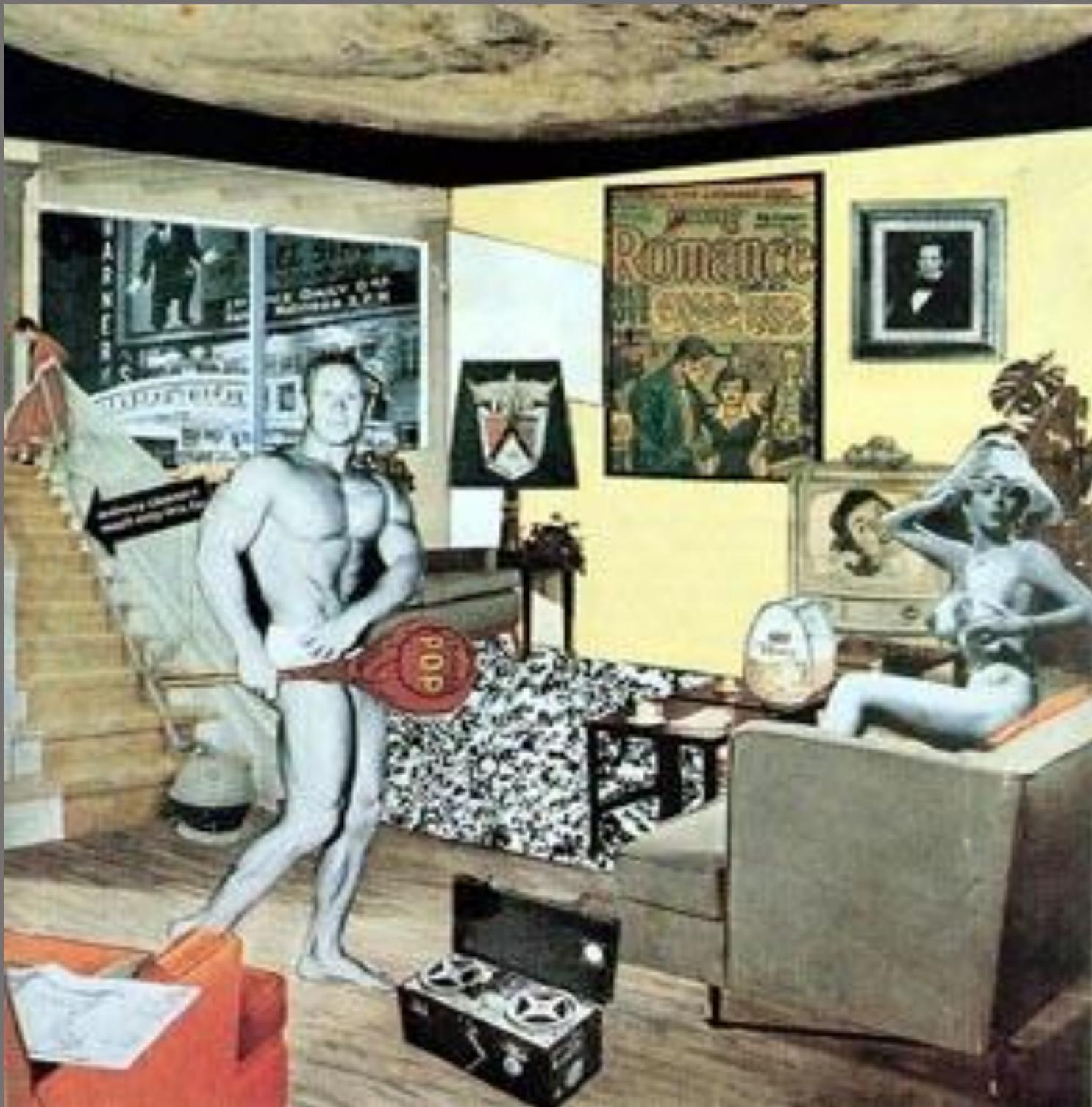
Roy Lichtenstein



Roy Lichtenstein



Roy Lichtenstein



Richard Hamilton



Richard Hamilton



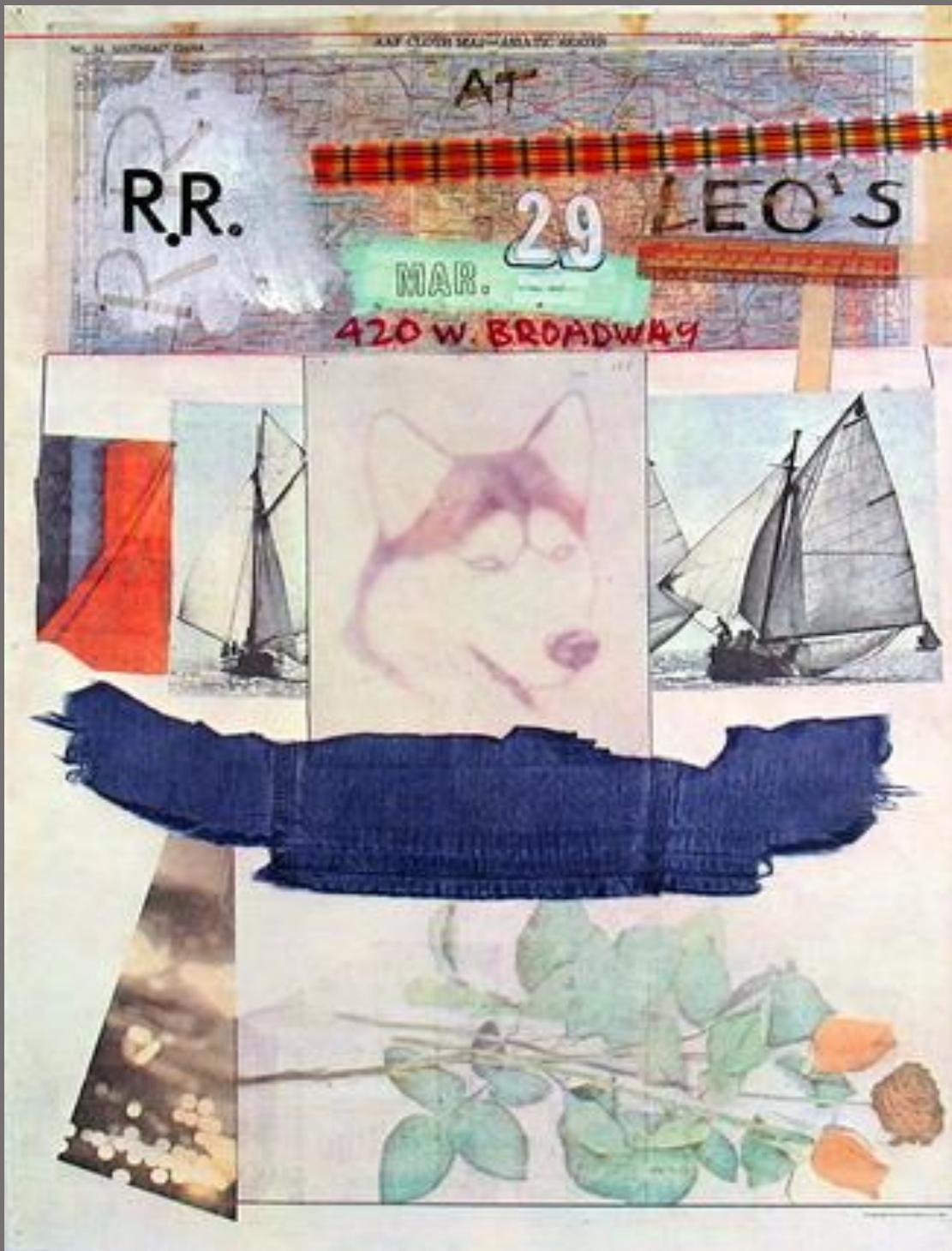
Richard Hamilton



Robert Rauschenberg



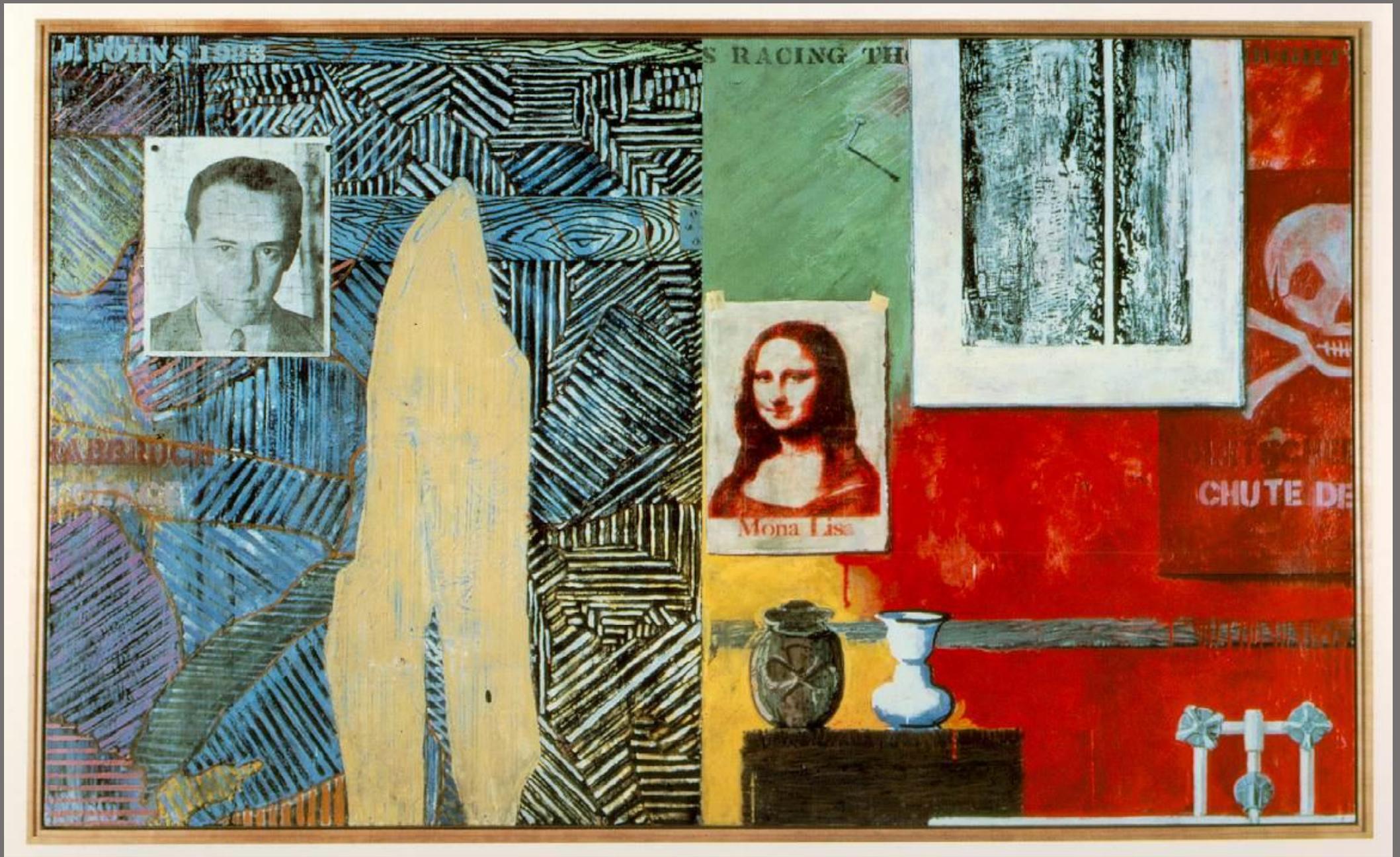
Robert Rauschenberg



Robert Rauschenberg



Jasper Johns



Jasper Johns



Jasper Johns



Claes Oldenburg



Claes Oldenburg



Claes Oldenburg

Um Pop tardio ou pós-pop pode ser encontrado em Jeff Koons, cujas obras recorrem aos objetos kistch como bibelôs, brinquedos e outras criações populares ou da cultura pop para dialogar com a arte e construir seus projetos expressivos



Jeff Koons



Jeff Koons



Jeff Koons



Jeff Koons

Portanto, da apropriação Duchampiana,  
depois Pop-artística resulta no que  
chamamos Arte Conceitual na década de  
70 e subsequentes



Na Arte Conceitual, nem sempre o artista realiza um objeto, mas se apropria de objetos e coisas ou circunstâncias nas quais a obra não é necessariamente construída mas tomada ou organizada para produzir efeito de sentido, o que importa é o software e não o hardware, o significado e não necessariamente o significante



**chair** (châr), *n.* [OF. *chaires* (F. *chaire*), < L. *cathedra*; see *cathedra*.] A seat with a back, and often arms, usually for one person; a seat of office or authority, or the office itself; the person occupying the seat or office, esp. the chairman of a meeting; a sedan-chair; a chaise; a metal block or clutch to support and secure a rail in a railroad.



Joseph Kossut, Uma e três cadeiras, 1965



Joseph Beyus, Explicando a Obra de Arte para um coelho morto

Mas vale lembrar que tudo que o artista toca

vira Arte no século XX.

Um toque de Midas pretencioso e complexo onde o próprio artista coloca em dúvida sua capacidade

Propositiva:

Tudo é Arte?

Tudo se transforma em Arte?

Enfim, no século XX constatamos que até  
merda vira arte:

Merda d'artista N°1

CONTENUTO NETTO GR 25  
CONSERVATA AL NATURALE  
PRODOTTA ED INCALCOLATA  
NEL MAGGIO 1961

PIERO MANZONI  
Merde d'artista



**Merda d'artista**

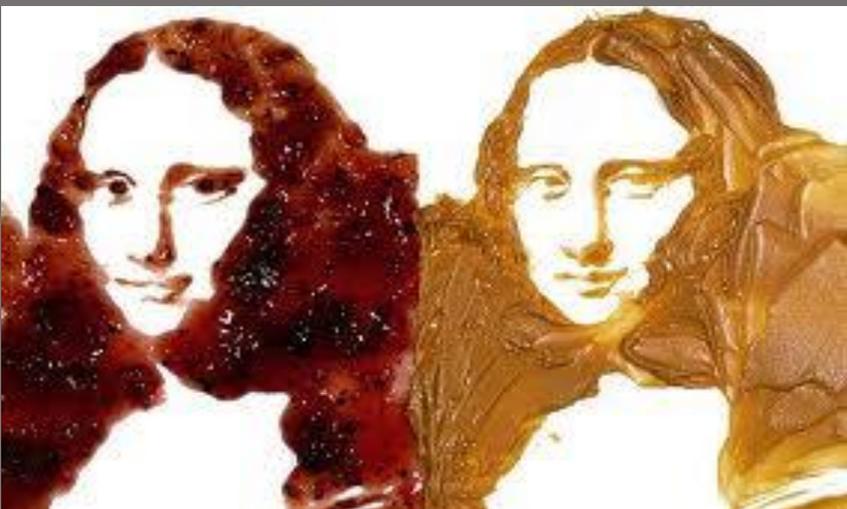
CONTENUTO NETTO GR 30

CONSERVATA AL NATURALE

PRODOTTA ED INSCATOLATA

NEL MAGGIO 1961

A insatisfação com a crítica, ou a falta dela, destitui os últimos preceitos da arte tradicional e instaura um vale tudo para discutir as funções da arte, da estética e da crítica no final de século, de certo modo, tudo é passível de compor o universo da arte como apropriações, releituras, proposições, intervenções, tudo é arte.



Wick Muniz



Antony  
Gormley,  
Waste Man,  
2006



Anish Kapoor, Wax Canon, Berlin, 2013,

O reforço, por meio de especuladores, de que a arte é também negócio e a descoberta de sua conexão íntima com o Marketing, devido à sua vinculação com as mídias contemporâneas e a cultura de massa, transforma as relações entre artistas/arte/crítica/público em um grande negócio.

As fronteiras desaparecem e nos perguntamos continuamente:

*O que é e o que não é arte?*

Dos Ready Made às instalações multitecnológicas, passamos pelos Happenings, pelas Performances, pelo Ambiental e pelas Intervenções. Ficamos sem saber se a arte se tornara multipoética, cênica, multimidiática ou qualquer outra coisa que valha, sabemos apenas que vivemos um novo momento e novos desafios.



Julian Wasser/Getty Research Institute, Los Angeles  
Allan Kaprow (center, with beard) and participants in his  
"Yard" (1967), at the Martha Jackson Gallery in New York.

Happening



*"In the 1950s he famously declared all sound as music and his silent piece, 4'33", as his most important contribution to music."*



John Cage, Happening,



As intervenções ambientais e urbanas  
passam a ser também um modo de fazer  
arte, mesmo que seja para ser vista por  
meio da mídia e não ocupar um suporte  
como pregava a tradição

Um dos primeiros artistas a usar o ambiente como suporte foi Robert Rauschenberg com a obra Spiral Jetty de 1970









Christo Javacheff interfere na paisagem natural e urbana com diversos materiais ressignificando o meio ambiente



Environmental Art, Wrapped Coast - One Million Square Feet, Little Bay, Sydney, Austrália,



Valley Curtain, Rifle, Colorado

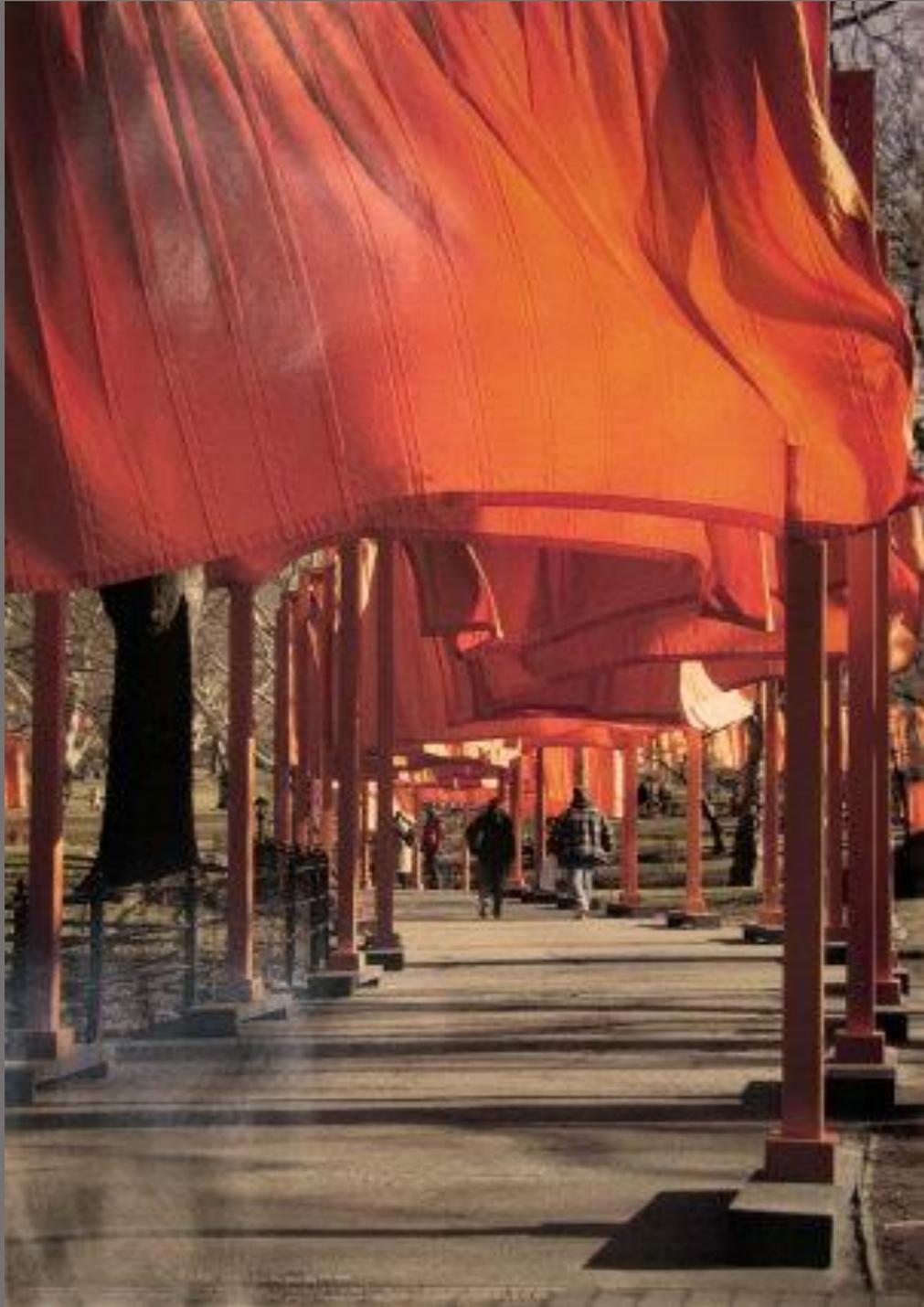


Surrounded Islands, Biscayne Bay, Greater Miami, Florida



The Umbrellas, Japão e Estados Unidos

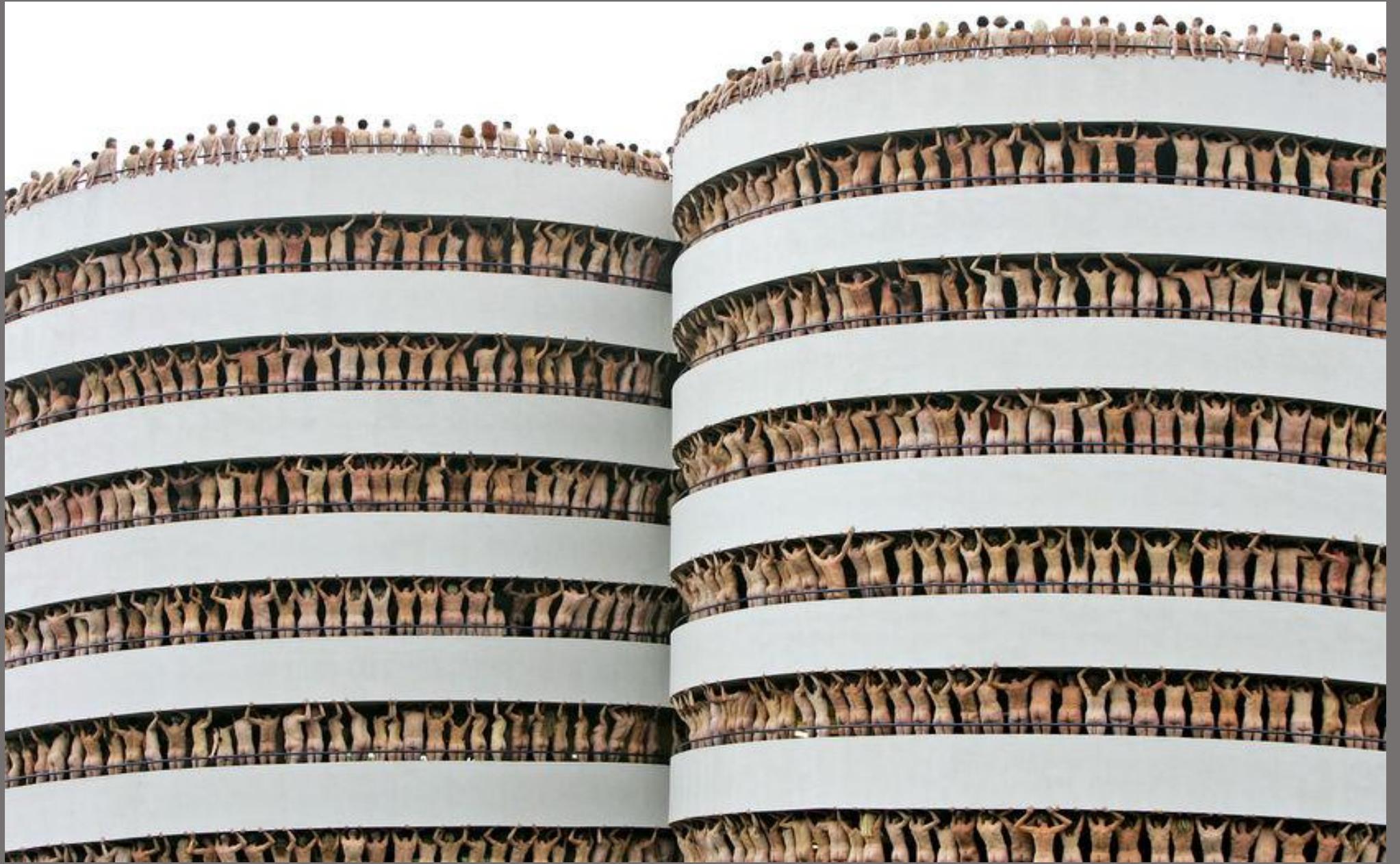




Spencer Tunick é um fotógrafo americano que reúne, organiza e fotografa multidões nuas pelo mundo







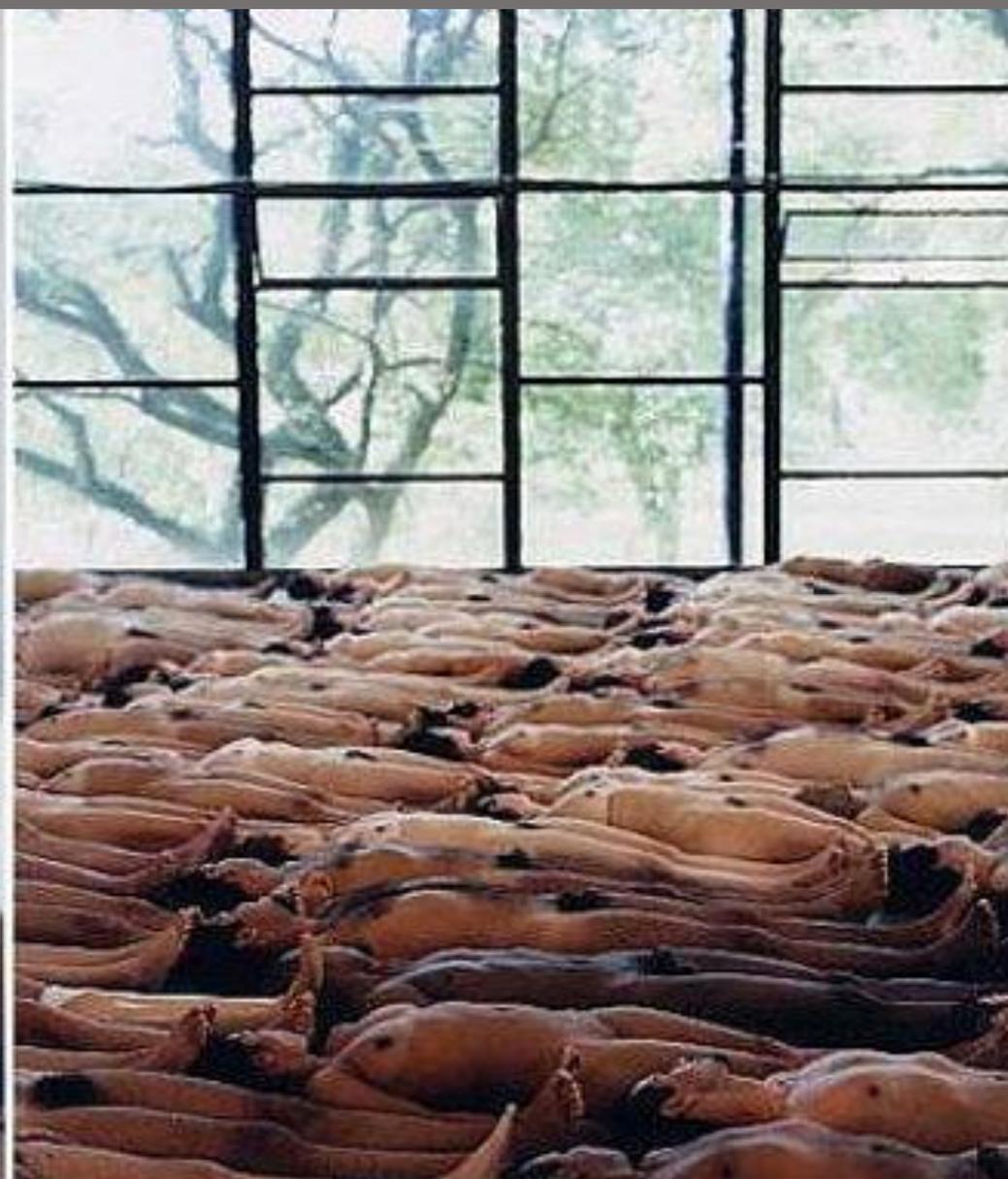














"Consigo tecer uma roupa que somente os inteligentes conseguem ver!" .

O Rei está nu!  
Viva o Rei...  
A multidão  
também está nua!

O conto de Andersen,  
serve de metáfora do  
que a Arte tem vivido  
desde o último  
século.

Entretanto, a busca da resposta parece ser vã, a cada momento colocamos em xeque o que sabíamos e tentamos entender de novo o que não sabemos, enfim, tudo pode ser arte, até nosso prosaico cotidiano. Assim as intervenções amparadas nas ações de marchands casas leiloeiras adotam artistas e os transformam em verdadeiros e milionários Pop Stars, este é um fenômeno contemporâneo.



*A obra de Damien Hirst: The Physical Impossibility Of Death In the Mind Of Someone Living* (Impossibilidade física da morte na mente de alguém vivo), de 1991, composta por um Tubarão Tigre conservado em formaldeído, movimentou a cena artística no final do século XX.

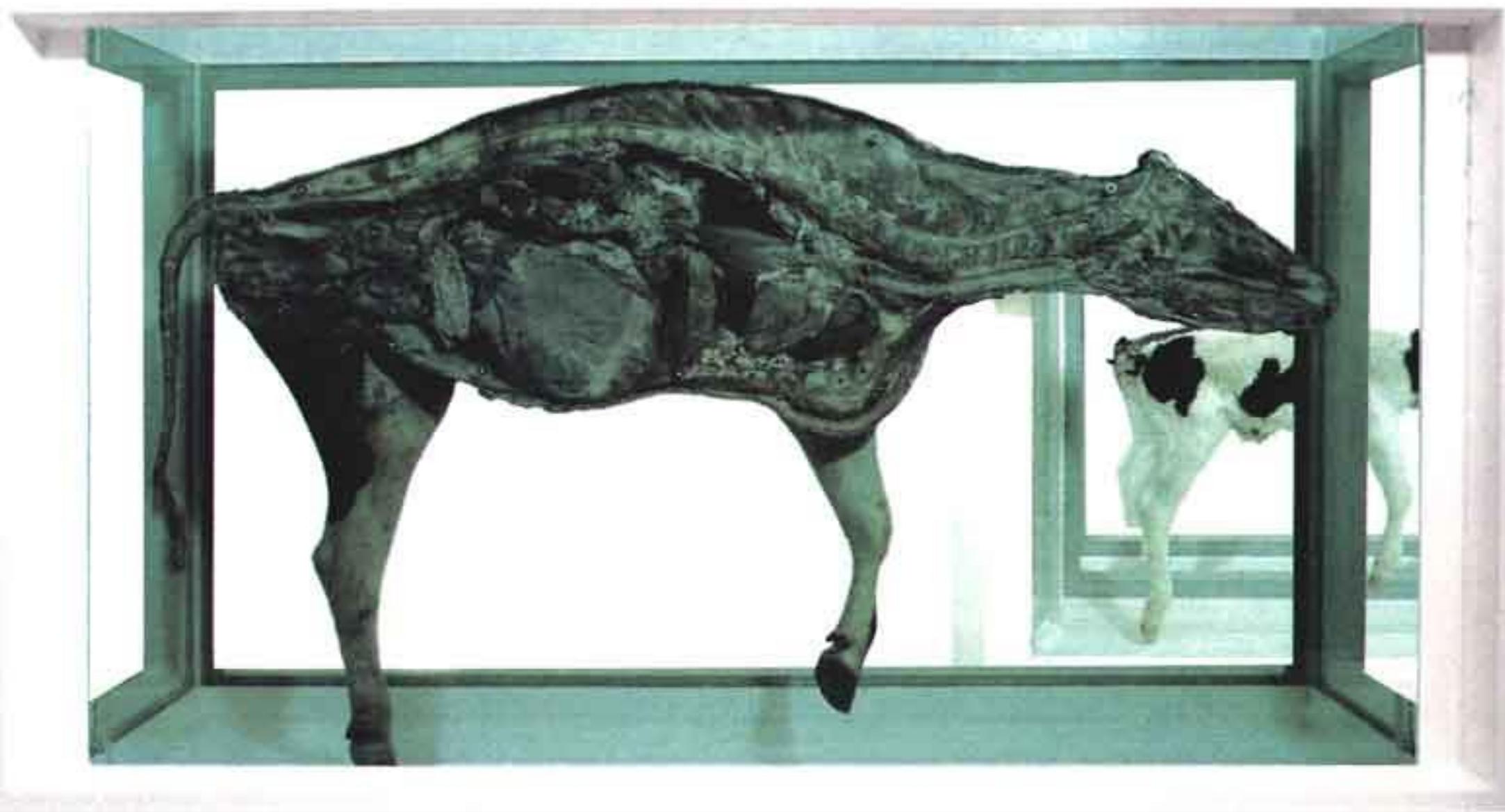


Damien Hisrt, Tubarão Tigre, 1991



O Tubarão Tigre de Hirst, em deterioração provoca novas reflexões em relação aos materiais, atitudes, concepções da arte contemporânea e demais consequências, especialmente por ter sido vendido ao milionário americano Steve Cohen, por Charles Saatchi, “descobridor” de Hirst, pela quantia estimada de dez milhões de dólares

Por conta de um acordo com o comprador da obra, Hirst teve que substituir o tubarão reeditando a obra a cada vez que ela deteriorasse e assim contradizer suas proposições de trabalhar com o transitório, o insólito e temporário que caracterizou por um certo tempo suas criações.





Num dado momento pode, inclusive, comercializar produtos instáveis como uma cebola, por exemplo, que passou a ser parte de suas manifestações insólitas e impermanentes.





Dart and onion



and then there were four  
a famous musketeer  
an edition of two thousand  
damien hirst

see  
FOUR

Smith



Como vimos, no contexto Conceitual, a arte passa a ser praticada seguindo orientações que não usam os fazeres manuais das antigas técnicas de caráter artesanal que caracterizavam o fazer humano comum aos artistas modernos, estas técnicas deixam de serem necessárias para a realização da arte, ou seja, não há mais a vinculação entre o conceber e o fazer.

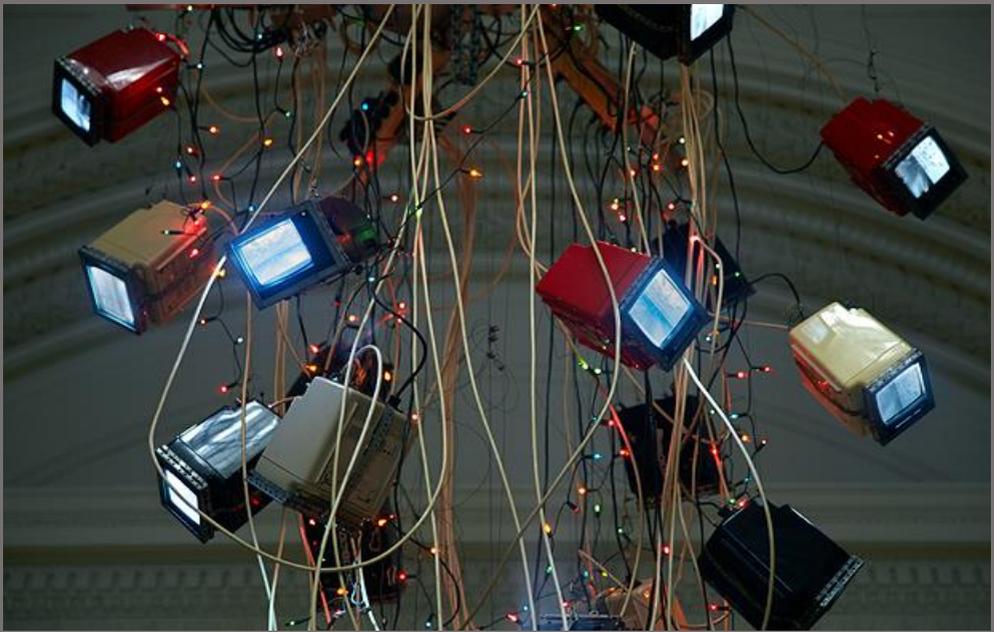
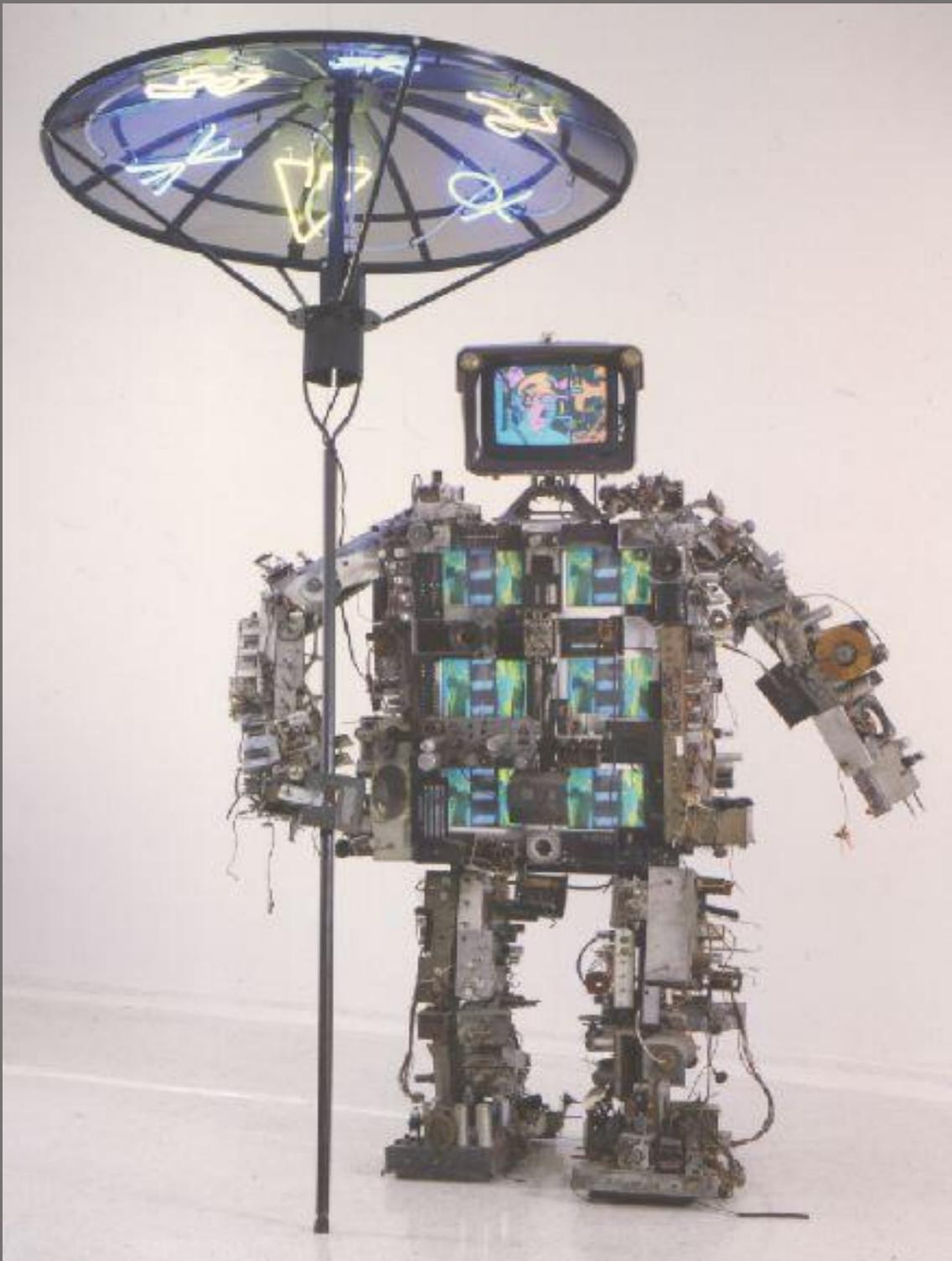
No universo *Conceitual*, a Arte é operada por meio das ideias e não por meio de técnicas, especialmente depois da transição da arte plástica pra a visual e, depois, Conceitual

No universo conceitual, valem diferentes ações e atitudes: performances, instalações, intervenções, transformações urbanas e ambientais. A arte não é mais representativa, se afasta também do apresentativo e se torna propositiva, participativa, interativa e interventiva, ativa.

No contexto das manifestações artísticas, tanto o artista quanto o público participam do mesmo processo, não há mais distinções substanciais entre um e outro, apenas distribuição de tarefas: enquanto ao artista cabe propor e organizar o processo discursivo de suas obras, ao público, cabe interagir e dialogar com elas.

Ao mesmo tempo, o artista, desfruta também de uma autonomia autoral que admite a apropriação e a designação estética tornando-se quase um demiurgo, capaz de criar a partir apenas de conceitos prescindindo da materialidade.

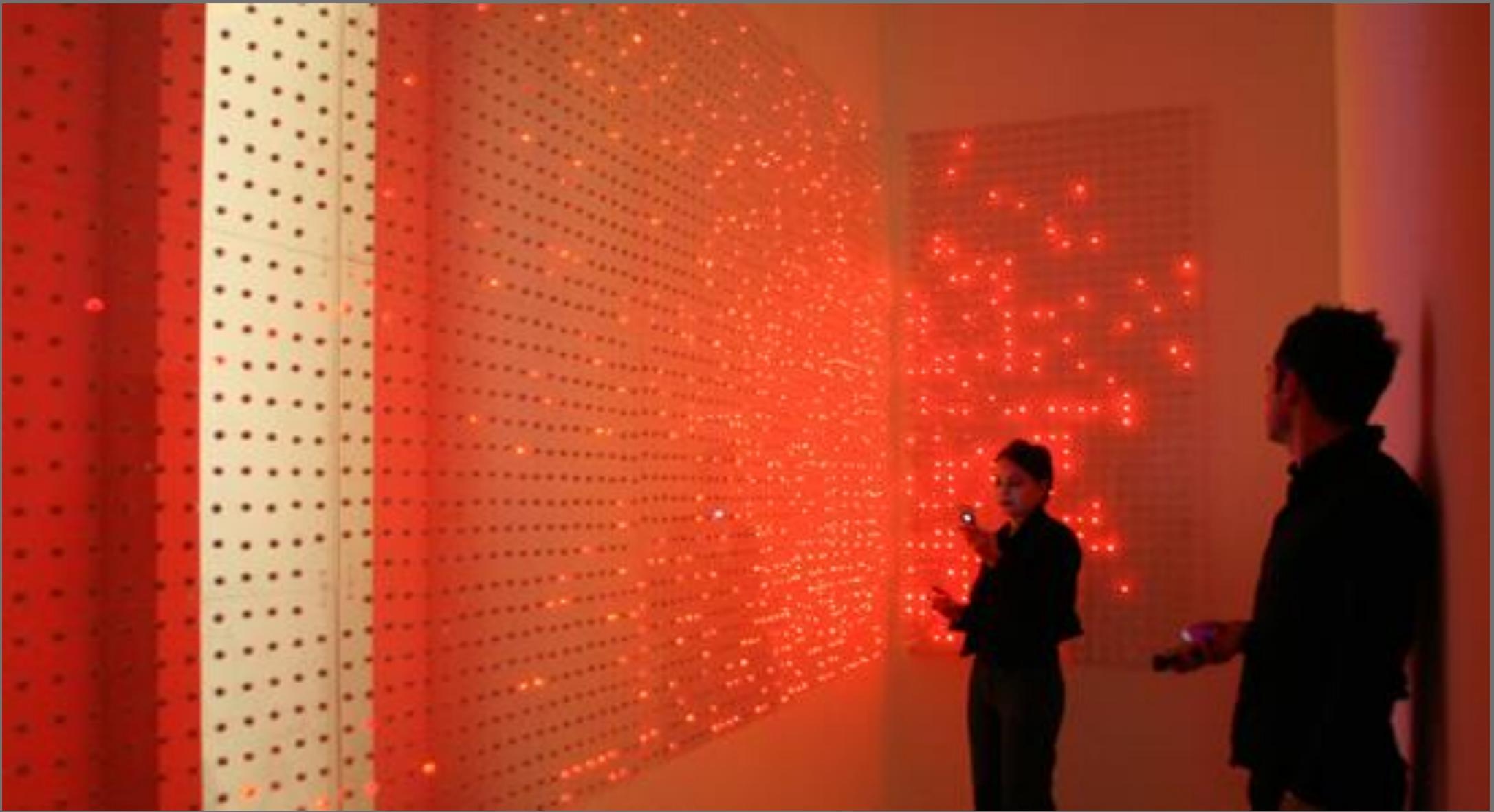
Por outro lado, o advento das tecnologias digitais, também interfere e atua em consonância com os novos conceitos e passam a integrar as manifestações artísticas contemporâneas.



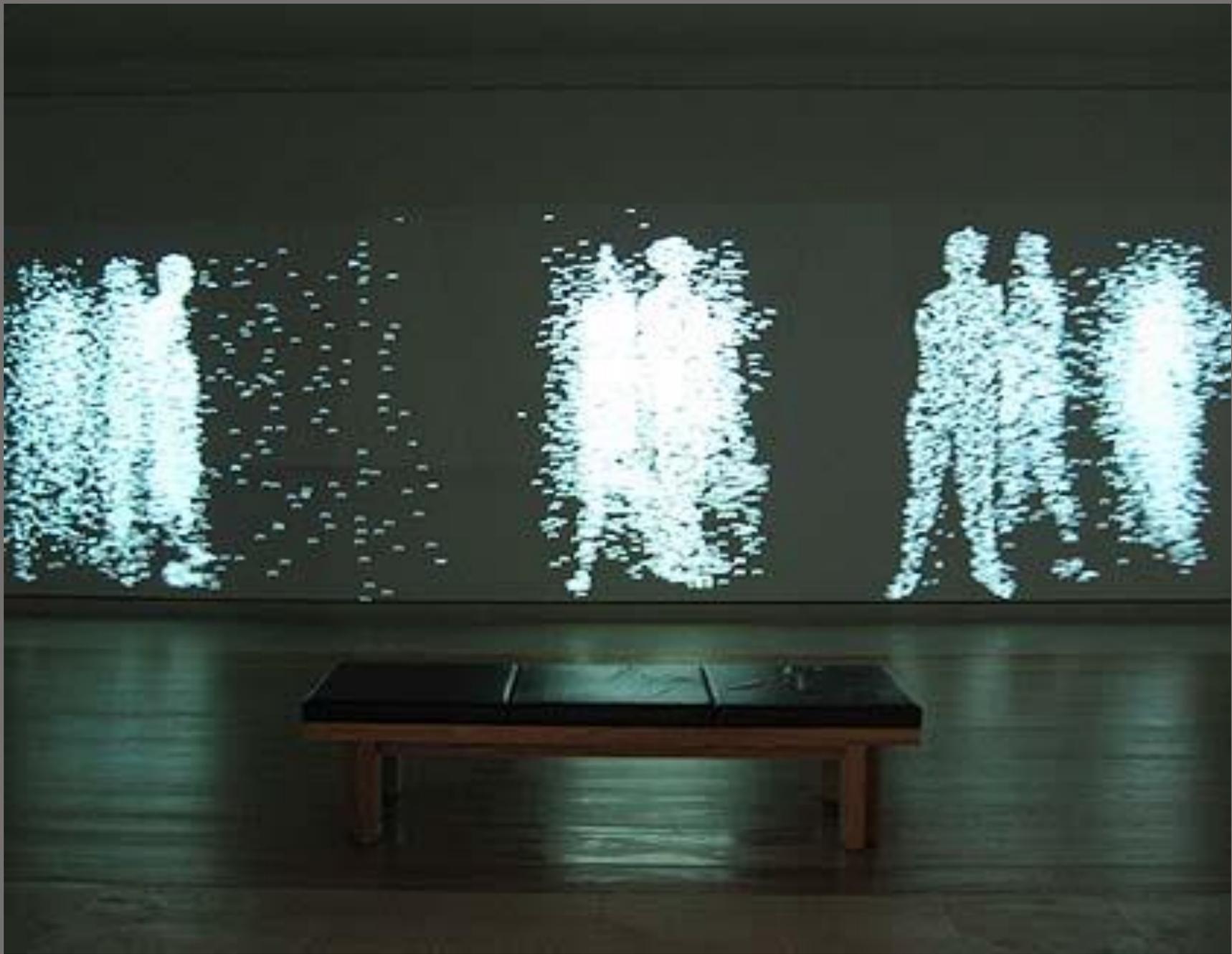
Nan June Paik.



Janet Biggs, Helsinki, 2003



Ursula Lavrencic, Cel Phone Instalation, 2007



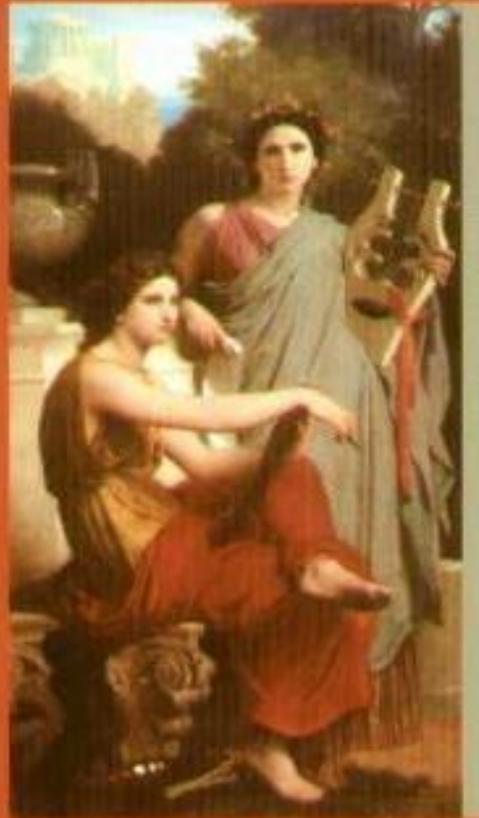
Charles Sandison, Compoutador e projeção, coesão, 2003

Tentando encontrar caminhos, vários críticos e historiadores discutem estas transformações, rupturas e os resultados que elas causam no sistema de arte como um todo.

# LINGUAGENS DA ARTE

Uma abordagem a uma teoria dos símbolos

NELSON GOODMAN



Num dado momento  
Nelson Goodman diz:  
*A questão não é  
perguntar  
O Que  
é Arte, mas  
Quando  
é Arte.*

FILOSOFIA ABERTA

gradiva

Frederico Moraes

Arte  
é o que  
eu e você  
chamamos  
arte

800 definições sobre arte e o conceito de arte



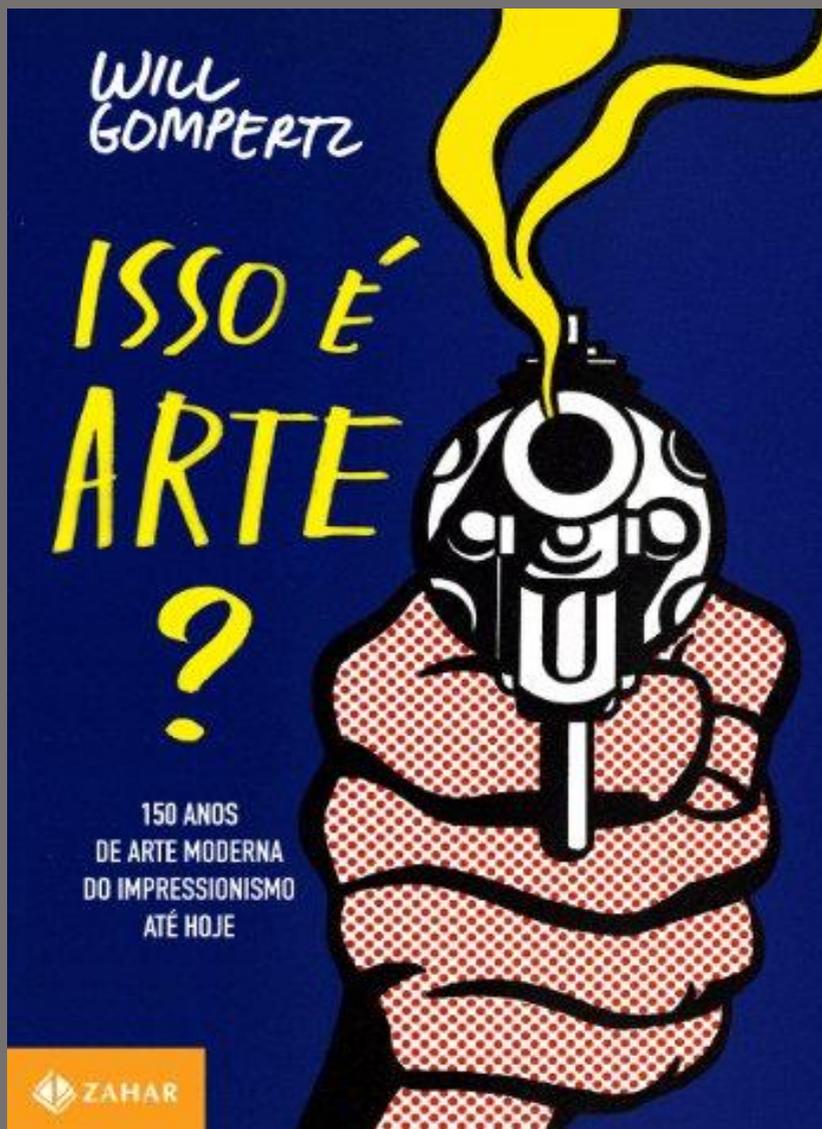
Frederico Moraes, crítico de arte, publica um livro cujo título é significativo: *“Arte é o que eu e você chamamos Arte: 800 definições de Arte.”*



Rodrigo Trigo, publica em 2009, o livro *A grande feira*, discutindo o que ele chama de Vale-Tudo na Arte Contemporânea. Critica negativamente a postura dos artistas e do mercado de arte em relação aos modos e estratégias produtivas que a arte contemporânea assumiu. Entretanto, é rechaçado da cena cultural tal é o desconforto que tal atitude causou no contexto da arte.

Se a função da crítica é promover análises especializadas, comparativas, criteriosas, formal e erudita isto também passa a ser feito *na e pela* Arte Conceitual reduzindo ainda mais um espaço que antes era ocupado pelo crítico.

Outra questão que oblitera o exercício crítico na contemporaneidade, é o surgimento da Curadoria: o processo de gerir mostras e proposições cujo gestor, um crítico, teórico ou artista assume a responsabilidade de editar, organizar e construir o olhar sobre a obra reduzindo, ainda mais a função da crítica.



Ao mesmo tempo, os escritos sobre arte também se transformam. Will Gompertz se propõe a discutir as questões instauradas a partir da Modernidade com humor e hilações de caráter mais literário do que histórico ou crítico, dando um novo tom para os textos sobre Arte, tornando-os mais amigáveis e interessantes para os leitores

É necessário entender que, contemporaneamente, convivemos com artistas conservadores e inovadores, com diferentes categorias de manifestações artísticas: eruditas, populares ou comerciais, logo, a Arte atual não sustenta classificações fechadas em escolas, estilos ou movimentos mas acredita em algo novo, diferente, uma nova identidade.

As transformações pelas quais a arte passou num curto período de tempo –do século XIX ao século XXI– constituem os desafios que enfrentamos na atualidade.

Estes desafios se revelam por meio das leituras, das propostas de investigação e nas pesquisas que mobilizam os estudiosos da arte, conseqüentemente, mobilizam também a nós professores e estudantes de arte. São estes desafios que nos motivam a estudar a arte e o que a envolve ou ocorre em torno dela.

Definir os problemas que instigam nossa busca é, ao final, nossa grande meta: descobrir se aquilo que entedemos como Arte corresponde, de fato, ao que doravante vamos chamar de Arte. Assim, quem sabe, podemos caminhar em busca da  
Emoção Estética



Waltércio Caldas, Emoção Estética, 1977

Esta obra de Waltércio Caldas,  
busca criar a sensação de  
suspensão e tensão gerada pela  
interação estética, meta de todos  
nós que trabalhamos com arte .

*Professor Dr. Isaac A. Camargo*